

## Tópicos em história da educação na América portuguesa: as representações de escola, ensino e aluno nas cartas dos primeiros jesuítas (1549-1583)<sup>1</sup>

*Topics in the History of Portuguese America: representations of schools, teaching and students in the letters of the first Jesuits (1549-1583)*

---

**Marcos Roberto de Faria**

Doutor em Educação - História da Educação - pela PUC/SP; Professor Adjunto na Universidade Federal de Alfenas - MG  
marcosfaria07@yahoo.com.br

O escopo central do texto em questão se baseia na descrição das representações<sup>2</sup> de escola, ensino e aluno que se efetuam nas cartas de Manuel

---

<sup>1</sup> Este artigo foi construído a partir da minha pesquisa de mestrado, defendido em 2005. Agradeço à CAPES pela bolsa de estudo.

<sup>2</sup> Segundo Roger Chartier (1990), a noção de representação “é um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo Regime, quando pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo. Há aí uma primeira e boa razão para fazer dessa noção a pedra angular de uma abordagem em nível de história cultural. Mas a razão é outra. Mais do que o conceito de mentalidade, ela permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade” (CHARTIER, 1990, p. 23). Nesse sentido, destaca Chartier, a tarefa primeira do historiador, como do etnólogo, é reencontrar as representações antigas, na sua irredutível especificidade, isto é, sem as envolver em categorias anacrônicas nem as medir pelos padrões da utensilagem mental do século XX (CHARTIER, 1990, p. 37).

da Nóbrega<sup>3</sup> e José de Anchieta<sup>4</sup>, no período de 1549 a 1583. No entanto, o volume de suas missivas é grande. Nesse sentido, o critério que adoto para a delimitação do *corpus documental* de que faço uso é a entrada escola, ensino e aluno. Pretendo, por conseguinte, buscar essas informações independentemente do gênero específico das cartas<sup>5</sup>.

Para Loyola e seus companheiros, a instituição epistolar jesuítica era a espinha dorsal da empresa missionária da Companhia de Jesus no século XVI. Eisenberg (2000) reconhece tal importância. De acordo com o autor, esse era o meio de comunicação institucional da Ordem, contendo relatos dos acontecimentos nas casas jesuíticas e notícias gerais da Colônia. “Mesmo silêncios e omissões nas cartas contam algo a respeito da atividade jesuítica, aquilo que não deveria ser dito ou que precisava ser ocultado” (EISENBERG, 2000, p. 49).

Tomei, pois, como *referencial* a tese segundo a qual as cartas eram papéis que justificavam e sistematizavam a prática missionária e procurei estar atento aos ditos e não-ditos, como salientou Eisenberg. Assim, a análise adiante tem como pano de fundo a questão: quais são as representações de escola, ensino e aluno que se podem inferir a partir das cartas de Nóbrega e Anchieta?

---

<sup>3</sup> Manuel da Nóbrega nasceu em Braga, Portugal, em 17/10/1517; estudou em Salamanca e bacharelou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra (14/6/1541). Em 21/11/1544 entrou para a Companhia de Jesus. Em 1549, D. João III o nomeou chefe da missão religiosa enviada ao Brasil. Chegou à Bahia em 29/3/1549, na esquadra do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa. Aí permaneceu até julho de 1551, delineando a política dos aldeamentos indígenas. Fundou a Casa de Água dos Meninos, voltada à educação dos jovens índios. De julho de 1551 a janeiro de 1552 permaneceu em Pernambuco. Ainda em 1552, Nóbrega foi para São Vicente, fundando a Confraria do Menino Jesus, colégio onde meninos externos aprendiam doutrina católica, leitura, escrita, canto, flauta e latim. Em 1553, Roma criou a Província do Brasil; nomeado provincial em 9/6/1553, Nóbrega deixou de subordinar-se à Província portuguesa da Companhia e à autoridade do bispo de Salvador. No sertão de Santo André da Borda do Campo, participou, em 1554, da fundação de São Paulo de Piratininga. Em março de 1565, participou da fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Em 24/7/1567 tornou-se reitor do Colégio do Rio de Janeiro, onde morreu em 17/10/1570 (HANSEN, 2002, pp. 764-5).

<sup>4</sup> José de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534, nas Ilhas Canárias, onde aprendeu a ler e a escrever um pouco de latim e português, sendo o castelhano a sua língua materna. Aos 14 anos, foi enviado ao Colégio das Artes, anexo à Universidade de Coimbra. Em 1551, noviço na Companhia de Jesus, terminou os estudos de Lógica, ingressando nos de Metafísica, quando adoeceu gravemente, tendo de interrompê-los. Em 1553, com apenas 19 anos, viajou para a América portuguesa, sob a chefia de padre Luís da Grã. Depois de uma breve passagem pela Bahia, permaneceu 12 anos em São Vicente, participando, em 1554, da fundação do Colégio de São Paulo em Piratininga, colégio no qual foi o único mestre. Elevado ao sacerdócio, em 1566 passou a exercer o superiorato. Morreu na capitania do Espírito Santo em 9/6/1597 (DAHER, 2002, p. 595).

<sup>5</sup> Segundo Hansen, “pode-se dizer que a correspondência jesuítica do século XVI é inicialmente articulada como informação em uma ‘carta familiar’, ou como relação dialógica de um destinador que envia informações a um destinatário, constituindo-se ambos, na escrita, como ‘amigos’ e ‘Irmãos em Cristo’ – por exemplo, Nóbrega e seu ex-colega Simão Rodrigues, em Lisboa, ou seu professor, o Dr. Azpilcueta Navarro, em Coimbra” (HANSEN, 1995, p. 90).

Ao pensar no caráter germinativo que abriga as cartas dos jesuítas escolhidos, estruturei esse estudo em múltiplas vertentes de análise. A opção pelos itens em forma de tópicos de um glossário, apresentados no decorrer desse texto, se deu em função da escolha dos fragmentos das missivas. Num primeiro momento, busquei compreender a necessidade da docilidade dos alunos, passando pelas consequências da instrumentalização dos meninos e da percepção de que as crianças significariam uma possibilidade fértil de se atingir os objetivos propostos até chegar à discussão de que houve preocupação com a construção de espaços específicos para o “doutrinação”. Vamos às cartas, pois.

## As Cartas de Nóbrega e Anchieta: entre práticas e representações

As relações que se desenvolveram na correspondência se dão, fundamentalmente, entre o jesuíta, os colonos, as autoridades e o índio. No entanto, há que se ressaltar que este aborígine, ao qual as cartas se referem insistentemente, não tinha voz ativa nesse processo. Assim, as missivas informam muito mais sobre os modos de pensar e agir dos jesuítas do que sobre o índio. Confira-se como eram representados os alunos nas cartas.

### Alunos bons e submissos

Certamente na primeira carta que escreveu após sua chegada à América portuguesa – em que relatava o advento à Bahia –, após falar do estado da terra, Nóbrega deixou claro que o ensinar tinha como primeira intenção a conversão ao cristianismo. Nota-se, também, que existia divisão de tarefas entre os membros da Ordem e que as primeiras escolas eram simplesmente de “ler e escrever”. Acompanhe-se:

*O Irmão Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os Índios desta terra, os quaes têm grandes desejos de aprender e, perguntados si querem, mostram grandes desejos. Desta maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem hábeis para o baptismo (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega a Pe. mestre Simão Rodrigues de Azevedo – Bahia, 1549, grifos meus)<sup>6</sup>.*

Evidencia-se o ânimo de Nóbrega ao perceber que os nativos “têm grandes desejos de aprender”. Essa ânsia era medida, sem dúvida, pelo assombro e pela “admiração” que os índios manifestavam diante de gente, gestos e palavras que

---

<sup>6</sup> Respeito, neste artigo, a grafia original das publicações de que me valho.

nunca tinham visto ou escutado. O jesuíta, por enquanto, ainda praticava a “via amorosa” para converter (Cf. PÉCORÁ, 1999).

No entanto, na mesma carta Nóbrega ressalta que “Cá não são necessárias letras mais que para entre os Christãos nossos, porém virtude e zelo da honra de Nosso Senhor é cá mui necessario”. A questão da vivência das virtudes aparece, pois, como pedra fundamental na construção da “empresa missionária”.

Nóbrega gostava de ressaltar que os índios imitavam seus atos e gestos. Veja-se seu relato, quando de sua chegada à América portuguesa, cujas expressões indicam que a catequese lutou, desde o início, pela transformação dos costumes “dessemelhantes” e que esta era a sua principal empreitada. Os *Exercícios espirituais* de Loyola (1952) destacam que um grande impedimento à salvação da alma “é a soberba e a vida deliciosa” (*Exame para o primeiro dia*, n. 6). Indubitavelmente, “comer carne humana e ter mais de uma mulher” era a “vida deliciosa” para o nativo. Era missão difícilíssima, pois, para a alma ascética jesuítica, entender ou aceitar costumes tão diversos daqueles propostos pelos *Exercícios*. É o que evidenciam o próximo excerto:

Todos estes que tratam comnosco, dizem que *querem ser como nós*, senão que nom tem com que se cubrão como nós, e este soo inconveniente tem. (...)e já hum dos *principaes delles aprende a ler* e toma lição cada dia com grande cuidado, e em dous dias soube ho ABC todo, e ho indinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que *quer ser christão e nom comoer carne humana, nem ter mais de huma molher* e outras cousas (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega a Simão Rodrigues – Bahia, 10/4/1549, grifos meus).

Interessante a estratégia de começar “convertendo” o “principal” ensinando-lhe a ler. Para o antropólogo Baeta Neves, contudo, a conversão do chefe é a conversão certa de toda a tribo (Cf. NEVES, 1978).

O excerto seguinte destaca que o maior impedimento para a catequese inicial recaía sobre a questão dos hábitos indígenas, classificados pelo jesuíta como “maus costumes”, como se depreende da citação abaixo:

Convidamos os *meninos a ler e escrever e conjunctamente lhes ensinamos a doutrina christã (...)*, porque muito se admiram de como sabemos ler e escrever e têm grande inveja e vontade de aprender e desejam ser christãos como nós outros. Mas somente o impede o muito que custa tirar-lhe os *maus costumes delles*, e nisso está hoje toda a fadiga nossa (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega ao Dr. Navarro, seu mestre em Coimbra – Salvador, 10/8/1549, grifos meus).

Veja-se, agora, o relato que Nóbrega oferece em 1557, a respeito da alta qualidade dos alunos:

aqui há 30 moços de escola nesta aldeã, e na de Simão haverá 60 ou mais, *aprendem muito bem* e ha muitos entre elles *de muito bom engenho*; os mais d'elles sabem a doutrina toda e *sabem o essencial da Fé*, que em perguntas, á *maneira de diálogo*, lhes ensinam na sua língua; *têm grande obediência aos Padres*, *ninguém da aldeã vai fora sem pedir licença aos Padres* (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega a Pe. Loyola – quadrimestre de janeiro até abril de 1557, grifos meus).

Na mesma carta, o sacerdote não deixava dúvidas sobre a questão da sujeição dos índios aos padres. O recurso pedagógico usado agora era o medo, e não mais a “via amorosa” dos primeiros anos de experiência missionária. A prática mostrava que apenas este método tornaria possível a conversão:

assim que por *experiencia* vemos que *por amor é mui dificultosa a sua conversão*, mas, como é *gente servil*, *por medo fazem tudo*, e posto que nos grandes por não concorrer sua livre vontade, presumimos que não terão fé no coração (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega a Pe. Loyola, quadrimestre de janeiro até abril de 1557, grifos meus).

O excerto é claro: Nóbrega valia-se do argumento da experiência para admitir que “a conversão pelo convencimento era inviável”; ele encontrou “na sujeição o caminho apropriado para persuadir o gentio a abraçar o cristianismo” (RAMINELLI, 1996, p. 73).

Já Anchieta, em 1555, dois anos após sua chegada à América portuguesa, falou sobre os alunos da escola de Piratininga, destacando que eles eram sua consolação. Os meninos alunos eram instrumentos de conversão para os pais, pois estes já pareciam “mui diferentes nos costumes dos de outras terras”: assim, deixavam de matar e de beber. Percebe-se, enfim, a prática da imposição de regras: Anchieta, muito mais que Nóbrega, referia-se insistentemente à questão do disciplinamento e dos maus costumes. O disciplinamento era usado, nos textos anchietanos, como estratégia do medo, ou seja, quem fazia algo proibido (no caso, “beber e ver a festa”) era punido publicamente e todos viam o que poderia acontecer a quem executasse a mesma coisa. Daí o fato de entrarem na igreja em procissão, após terem cometido algo abominável, já que era necessário um ritual de purificação para serem novamente aceitos dentro da comunidade. Era a *pedagogia do exemplo*:

Temos uma grande escola de meninos Índios, bem instruídos em leitura, escrita e em bons costumes, *os quais abominam os usos de seus progenitores*. São eles a *consolação nossa*, *bem que seus pais já pareçam mui diferentes nos costumes*

*dos de outras terras; pois que não matam, não comem os inimigos, nem bebem da maneira por que dantes o faziam.* No outro dia em uma terra vizinha foram mortos alguns inimigos, e alguns dos quais nossos conversos por lá andaram, não para comer carne humana, mas por beber e ver a festa. *Quando voltaram não os deixamos entrar na igreja, senão depois de disciplinados;* estiveram por isso, e no primeiro de Janeiro entraram todos na igreja em procissão, batendo-se com a disciplina e só assim os houveramos aceitado (Carta de Pe. José de Anchieta, por comissão de Pe. Manuel da Nóbrega – São Vicente, 15/3/1555, grifos meus).

No mesmo ano, Anchieta relatou a primeira missa celebrada em Piratininga e destacou, em seguida, a prática da doutrinação, ainda pouco sistematizada. Vê-se, contudo, que o principal costume abominável era o de “comer carne humana”, e que após a lição “dizem ladainhas”, o que denotava a prática do ler e escrever subordinada aos atos litúrgicos. Interessa, ainda, o fato de os alunos poderem também recitar as orações em sua própria língua:

*Dia da conversão de São Paulo dissemos a primeira missa em êste lugar.* Agora com a ajuda de Nosso Senhor *nos ocupamos em a doutrina dêstes Índios* e em rogar ao Senhor que abra a porta para o conversão de muitas nações de que temos novas e em que *parece se fará muito fruto por não haver entre elas costume de comer carne humana.* Estes Índios, entre quem estamos agora, nos dão seus filhos para que os doutrinemos e por a manhã, *depois da lição, dizem ladainhas na igreja e á tarde a Salve; aprendem as orações em português e em a sua própria língua;* e por graça do Senhor vêem muitos, assim homens como mulheres, os domingos, á missa, e os que são catecúmenos se saem depois do ofertório (Carta do Ir. José de Anchieta aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Portugal – de Piratininga, 1555, grifos meus).

No informe que se segue, Anchieta, na carta ânua de 1583, destaca a prática de *disputas e premiações*. Observa-se, ainda, uma *referência à escola primária*, o que indica uma maior sistematização e organização do ensino. Já existia a transferência para estágios mais avançados (no caso, as aulas de latim) e a referência às regras da aritmética, o que indica um ensino mais complexo e diversificado, não mais restrito aos “rudimentos da fé”, como no início da empresa missionária. Interessa observar o comparecimento do povo da cidade às apresentações litúrgicas dos alunos, o que indica uma prática próxima da dos colégios, onde havia disputas apresentadas ao público em geral. Veja-se:

Os meninos da escola primária, que completam o número de oitenta, dão mostra incomum de sua virtude. Com muita aplicação, procuram traçar as primeiras letras, para se poderem *transferir depois às aulas de latim*. Atraídos pelos prêmios, envidam grande esforço nas *frequentes disputas a respeito da*

*doutrina cristã, que decoram cantando, e das regras da aritmética. Incentivados pelo exemplo dos meninos, os estudantes das classes superiores, reunidos, nas sextas-feiras da quaresma, em nossa igreja, cantaram ao som do órgão e dos alaúdes as completas solenes, função a que comparecia quase toda a cidade (Carta ânua da Província do Brasil, de 1583, do provincial José de Anchieta ao geral Pe. Cláudio Acquaviva – Bahia do Salvador, 1/1/1584, grifos meus).*

Esse tópico apresentou uma mudança considerável entre os primeiros excertos de Anchieta e este último, do ano de 1583. A evolução e sistematização do ensino tornavam-se evidentes com o passar dos anos. A experiência que os missionários adquiriram trouxe avanços a esta sistematização do ensino: a escola passava a ser mais organizada, bem como o conteúdo que se ensinava. Diversifica-se o currículo e constatava-se uma expansão nas práticas de ensino.

### **Sobre a instrumentalização dos meninos alunos**

Veja-se o grande entusiasmo de Nóbrega pelas primeiras experiências missionárias junto aos nativos. No período inicial da presença jesuítica na América portuguesa, era constante esse traço de exultação. Acompanhe-se:

*Onde quer que vamos somos recebidos com grande boa vontade, principalmente pelos meninos, aos quaes ensinamos. Muitos já fazem as orações e as ensinam aos outros (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega ao Dr. Navarro, seu mestre em Coimbra – Salvador, 10/8/1549, grifos meus).*

No texto que se segue, os meninos nativos são intérpretes no sacramento da penitência. De fato, as crianças eram o instrumento de mediação e de comunicação entre padres e indígenas, mesmo em momentos sagrados como o dos sacramentos (Cf. NEVES, 1978). Para Nóbrega, a ajuda dos meninos, como intérpretes, não representa nenhum prejuízo ao sigilo sacramental. Acompanhe-se o excerto:

*Nesta casa estão os meninos da terra feitos a nossa mão. Com os quais confessávamos alguma gente da terra que nom entende a nossa fala, nem nós a sua, (...)no qual a experiência nos ensina aver-se feyto fruto muyto e nenhum prejuízo ao sigilo da confissão (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega a Pe. Simão Rodrigues – Bahia, fins de julho de 1552, grifos meus).*

A instrumentalização dos alunos também pode ser observada no excerto que se segue, no qual se destacava que os meninos ensinavam a doutrina a seus pais à noite. Atente-se:

Depois uma hora, de noite, se tange o sino e os meninos têm cuidado de ensinarem a doutrina a seus paes e mais velhos e velhas, os quaes não podem tantas vezes ir á igreja e é grande consolação ouvir por todas as casas louvar-se Nosso Senhor e dar-se gloria ao nome de Jesus (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega aos padres e irmãos de Portugal – Bahia, 5/7/1559, grifos meus).

Tal instrumentalização dos meninos consistia, pois, no uso do serviço das crianças, tanto órfãos de Portugal como autóctones, para a propagação da doutrina pelas aldeias e, acima de tudo, para evangelização dos pais. Como foi possível demonstrar, os meninos também eram úteis na execução do sacramento da confissão.

### **Sobre a preferência de ensinar às crianças**

De onde vinha o interesse dos missionários em tomar para si a criança como “lugar” de investimento certo? De acordo com a tese de Viveiros de Castro tal interesse vinha da imagem dos índios como seres inconstantes. Para o autor, uma das estratégias catequéticas que a imagem da inconstância ocasionou é que “mais proveitosa que a precária conversão dos adultos” era “a educação das crianças longe do ambiente nativo” (1992, p. 190). Nesse sentido, para o autor, o obstáculo a superar não era a presença de uma doutrina inimiga, mas o canibalismo e a guerra de vingança, as bebedeiras, a poligamia, a nudez, a ausência de autoridade centralizada e de implantação territorial estável, o que os primeiros jesuítas rotulavam mais simplesmente de “maus costumes”. (Cf. CASTRO, 1992).

Nesse sentido, pergunta o autor: o que era isso que os jesuítas e demais observadores chamavam de “inconstância” dos tupinambás? “Trata-se sem dúvida de alguma coisa bem real, mesmo que se lhe queira dar outro nome; se não um modo de ser, era um modo de aparecer da sociedade tupinambá aos olhos dos missionários” (CASTRO, 1992, p. 190).

Para o autor,

É bem conhecida a estratégia catequética que tal imagem motivou: para converter, primeiro civilizar; mais proveitosa que a precária conversão dos adultos, a educação das crianças longe do ambiente nativo; antes que o simples pregar da boa nova, a polícia incessante da conduta civil dos índios. Reunião, fixação, sujeição, educação. Para inculcar a fé, era preciso primeiro dar ao gentio lei e rei (CASTRO, 1992, p. 190).

Para o autor, “os missionários não viram que os ‘maus costumes’ dos Tupinambá eram sua verdadeira religião, e que sua inconstância era o resultado da adesão profunda a um conjunto de crenças de pleno direito

religiosas” (CASTRO, 1992, p. 192). A inconstância é, assim, um parâmetro que precisa ser lido à luz do sujeito da enunciação da correspondência: neste caso, o jesuíta, que interpreta o mundo sob a ótica católica, antimaquievélica, antiluterana e anticalvinista, apoiado no dogma tridentino da luz natural da graça inata, fundamental na definição da “pessoa humana” e oposto à tese luterana da lei do pecado.

Cabe aqui, pois, ressaltar a narrativa de Pe. Manuel da Nóbrega, quando constatou que dos meninos, diferentemente dos mais velhos, podia-se esperar muito fruto. Nas crianças ele não via oposição ao que ensinava - como era de se esperar. Acompanhe-se:

Visitei algumas aldeias delles e acho-lhes bons desejos de conhecer a verdade; e instavam para que ficasse no meio delles, e si bem que seja difficil fazer desarraigá-los aos mais velhos as suas más usanças, *com os meninos, porém, se póde esperar muito fructo, porque não se oppõem quase nada á nossa lei* e assim me parece que esteja aberta a porta para muito ajudar as almas nesta terra (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega a Pe. Simão Rodrigues – Porto Seguro, 6/1/1550, grifos meus).

No ano seguinte, Nóbrega salientava a firmeza e a constância que se poderia esperar dos mais jovens. Nos seus próprios termos:

*Principalmente pretendemos ensinar bem os moços, porque estes bem doutrinados e acostumados em virtude, serão firmes e constantes, os quaes seus Paes deixam ensinar e folgam com isso* (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega aos padres e irmãos – Pernambuco, 1551, grifos meus).

Ao mesmo tempo em que Nóbrega percebia alguns sinais de constância nos nativos, as reclamações sobre a inconstância não poderiam deixar de existir, principalmente em relação aos adultos. Nesse sentido, o jesuíta deixa claro que não era possível a um catecúmeno ser batizado sem antes ser provado na fé, o que implicava um certo tempo de perseverança na vivência das virtudes e dos “bons costumes”. Leia-se:

mas todavia não se baptisam até mais serem provados, porque *como estes Índios têm tantas occasiões para tornarem atraz e muitos tornarão*, não ousam os Padres a baptisar, sem primeiro muito os provarem... (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega a Pe. Loyola, quadrimestre de janeiro até abril de 1557 – Bahia, 1557, grifos meus).

Ao arrancá-los de seu convívio natural, o jesuíta prestava, de acordo com essa visão, um grande favor àquela geração perversa que não sabia educar seus filhos.

Ensinava-se, para tanto, a doutrina cristã e as primeiras letras, juntamente com atos litúrgicos e a disciplina. É o que se pode observar nos relatos de Anchieta que vêm a seguir. Os meninos eram a alegria e a consolação do missionário:

nesta Aldeia de Piratininga onde *temos uma grande escola de Meninos*, filhos de índios, ensinamos a ler e escrever... *Eles são nossa alegria e consolação...* (Carta do Ir. José de Anchieta aos padres e irmãos de Coimbra, agosto de 1554, grifos meus).

No fragmento que copio à frente, Anchieta cita o trabalho de irmão Antonio Blázquez, que não tinha “trato nenhum” com os índios adultos, por serem “ferozes”. Nota-se, ainda, o ensino dos “rudimentos da fé cristã”, que certamente se referiam aos primeiros passos no cristianismo, como os mandamentos da Sagrada Escritura e da Igreja, as orações mais simples, os sacramentos e outros. Juntamente com o ensino dos rudimentos da fé havia a instrução sobre as primeiras letras e a escrita. Esses eram os três conteúdos básicos que se ensinavam nestas escolas, considerando-se que o texto é de 1554, época em que se observava pouca sistematização no que se referia à divisão em classes, ao ensino de matérias específicas, à construção de casas organizadas para o ensino. Assim, uma mesma casa servia como escola e igreja. Verifique-se o extrato do missionário recém-chegado ao Novo Mundo:

Ao nosso irmão Antônio (Blázquez) foi entregue o *ensino dos meninos nos rudimentos da fé e nos elementos de ler e escrever*. *Não têm trato nenhum com os índios, porque estes são indômitos e ferozes e nem sempre se dobram à razão...* Quatro ou cinco meninos órfãos dos que nasceram de pai português e mãe brasileira, vivem em nossa casa sujeitos aos padres e reservados para o colégio, se se vier a fazer. A todos eles dá mantimento a mesa de Cristo... Residiam em São Vicente entre os portugueses, onde tinham juntado muitos filhos dos índios de diversas partes e os instruíam muito bem nos rudimentos da fé cristã, nas primeiras letras e na escrita (Carta do Ir. José de Anchieta a Pe. Inácio de Loyola, setembro de 1554, grifos meus).

Anchieta chegava a salientar que “o nosso principal fundamento está na doutrina das crianças”. O jesuíta ressaltava que as crianças seriam responsáveis pela formação do novo povo de Deus que se esperava ver formado no Novo Mundo. O ensino se reduzia a ler, escrever e cantar. Confira-se:

Visto que *o nosso principal fundamento está na doutrina das crianças*, às quais lhes ensino a ler, escrever e cantar, a estes trabalhamos por ter debaixo de nossa mão, para que depois venham a suceder no lugar de seus pais, formando um povo de Deus (Carta do Ir. José de Anchieta a Pe. Inácio de Loyola, setembro de 1554, grifos meus).

No ano seguinte, Anchieta informava que o ensino dos meninos era a sua consolação. O extrato abaixo se refere ao disciplinamento por meio de açoites, o que indica uma forma de ascese cristã bastante praticada no período:

*O ensino dos meninos aumenta dia a dia e é o que mais nos consola; os quais vêm com gosto à Escola, sofrem os açoites e têm emulação entre si (Carta do Ir. José de Anchieta a Pe. Inácio de Loyola, março de 1555, grifos meus).*

Interessante discorrer, aqui, acerca da visão de mundo de Anchieta, quando afirmava sem reservas que os meninos “vêm com gosto à Escola” para receber chicotadas. Como ter gosto por açoites? Isso só era possível para o jesuíta e sua concepção ascética do corpo, disciplinado e obediente, que aparecia para o jesuíta como inimigo da alma e merecedor de castigos, numa influência clara da linha ascética dos *Exercícios Espirituais* de Loyola.

Na narrativa que reproduzo adiante, Anchieta se referia ao fato de os meninos virem à escola duas vezes por dia e também falava sobre um formulário de perguntas, que parece ser um manual usado para ensinar. O jesuíta deixou claro que o principal cuidado era lhes declarar os rudimentos da fé sem, no entanto, descuidar do ensino das letras. Interessante observar que Anchieta se admirava com o interesse do gentio pelo ensino. Por outro lado, o conteúdo ministrado se referia às coisas da fé, que se resumia, como observei, em aprender orações, mandamentos da Sagrada Escritura e os principais dogmas da fé, chamados de “credo dos Apóstolos”, principalmente o da Santíssima Trindade. Nisso consistiam, portanto, os “rudimentos da fé”. Note-se:

*Expliquei suficientemente na carta anterior como se faz a doutrina dos meninos: quase todos vêm duas vezes por dia à escola, sobretudo de manhã; pois de tarde todos se dão à caça ou à pesca para procurarem o sustento; se não trabalham, não comem. Mas o principal cuidado que temos deles está em lhes declararmos os rudimentos da fé, sem descuidar o ensino das letras; estimam-no tanto que, se não fosse esta atração, talvez nem os pudéssemos levar a mais nada. Dão conta das coisas da fé por um formulário de perguntas, e alguns mesmo sem ele (Carta trimestral de maio a agosto de 1556 pelo Ir. José de Anchieta).*

Portanto, para entender a preferência pelo ensino das crianças nas cartas de Nóbrega e Anchieta há que recorrer ao problema da inconstância, apontado pelo jesuíta como um mal a ser vencido. A criança era um investimento mais seguro, já que o inimigo a ser combatido em terras brasílicas não era a heresia, mas “os costumes diabólicos”, e quanto mais jovem fosse aquele a quem se ensinava, menos arraigados estariam estes.

## Sobre a construção de escolas

Pareceu-me que a primeira preocupação de Nóbrega em relação à edificação de colégios era com a localização. Outra preocupação do padre dizia respeito ao espaço para construir hortas e pomares. Atente-se:

*Eu trabalhei por escolher um bom logar para o nosso Collegio dentro na cerca e somente achei um (...), e é pequeno (...) e não tem onde se possa fazer horta, nem outra cousa, por ser tudo costa mui íngreme, e com muita sujeição da cidade. (...) e está logo ahi uma aldeã perto, onde nós começamos a baptisar, em a qual já temos nossa habitação. Está sobre o mar, tem água ao redor do Collegio, e dentro delle tem muito logar para hortas e pomares; é perto dos Christãos, assim velhos como novos (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega a Pe. Mestre Simão – Bahia, 9/8/1549, grifos meus).*

No excerto que se segue, é evidente a preocupação de Nóbrega em relação à construção de novas casas onde se pudesse ensinar. Essa era a primeira providência tomada quando da chegada a um novo lugar. Acompanhe-se:

*Em duas das principaes aldeias de que tem cargo, fizeram-lhe uma casa onde esteja e ensine aos cathecumenos; em outra aldeia, também próximo a esta cidade, fizemos uma casa a modo de ermida, onde um de nós está incumbido de ensinar e pregar aos baptisados (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega ao Dr. Navarro, seu mestre em Coimbra – Salvador, 10/8/1549, grifos meus).*

No ano seguinte, Nóbrega discorria sobre os custos da construção de um colégio, ressaltando que não eram tão elevados. Veja-se:

*Esperamos também resposta de Vossa Reverendíssima para começar o collegio do Salvador na Bahia, no qual não tanto gastaremos como pensaes, porém com cem crusados se poderão fazer moradias de taipa que bastem para principiar. Os estudantes com pouco se manterão. Poder-se-hia até faze-las de pedra, si assim parece a Vossa Reverendíssima, porque agora há muito boa cal. (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega a Pe. Simão Rodrigues – Porto Seguro, 6/1/1550, grifos meus.)*

No ano de 1552, Nóbrega parecia ainda mais entusiasmado com o baixo custo para construção de um colégio na Bahia e até dispensava a ajuda material do colégio de Coimbra:

*Nesta terra, custa muito pouco fazer-se um collegio e sustentar-se, porque a terra é muito farta, e os meninos da terra sustentam-se com pouco, e os moradores muito affeiçoados a isso, e as terras não custam dinheiro; (...)e mais agora mando fazer algodoaes para mandar lá muito algodão, para que mandem pannos, de que se vistam os meninos, e não será necessário que o colégio de Coimbra cá nos ajude sinão com orações (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega para o padre provincial de Portugal – Bahia, 1552, grifos meus)*

Formar “soldados para Cristo” era o objetivo principal da criação de novas casas de ensino. A Companhia desde cedo percebeu que um meio eficaz de realizar sua missão estava na concentração de esforços em casas de ensino. Daí a importância dada à edificação de casas para este fim:

Já tenho escripto por vezes a Vossa Reverendíssima como nestas partes *pretendíamos criar meninos de Genticio*, por ser elle muito, e nós poucos, e sabermos-lhe mal fallar em sua língua, e elles de tantos mil annos *criados e habituados em perversos costumes*, (...): *trabalhamos por dar principio a casas*, que fiquem para enquanto o mundo durar, vendo que na Índia isso mesmo se pretende, e em outras partes muitos *collegios*, em que se criem *soldados para Christo* (Carta de Pe. Manuel da Nóbrega a Pe. mestre Simão – Bahia, 1552, grifos meus).

A construção de novas casas onde se pudesse ensinar constituía, pois, preocupação central de Nóbrega nos primeiros anos de sua estada na América portuguesa. Assim, vê-se o quanto o jesuíta não mediu esforços a fim de efetivar a doutrinação daquela gente “perversa”, que “não conhecia a Deus” (pelo menos, o Deus cristão) e necessitava de alguém que os apresentasse a Ele. Os jesuítas foram, nesse sentido, aqueles que “apresentaram” Deus ao gentio através da civilização<sup>7</sup>. As escolas foram, desta forma, “templos de civilização” e se constituíram em lugares onde Deus era conhecido.

### **Sobre a manutenção dos colégios**

Ter mantimentos era condição de permanência de uma casa da Companhia em determinado lugar. Esta *condição sem a qual não* era compartilhada pelo próprio provincial da época, Manuel da Nóbrega. É o que se pode observar nas palavras de Anchieta, que destacou a dificuldade de buscar víveres, razão principal da mudança de endereço da casa de meninos. Veja-se:

Para sustento destes meninos, a farinha de pau era trazida do interior, da distância de 30 milhas. Como era muito trabalhoso e difícil por causa da grande aspereza do caminho, ao nosso Padre pareceu melhor no Senhor mudarmo-nos para esta povoação de índios, que se chama Piratininga. Isto por muitas razões: *primeiro, por causa dos mantimentos...* (Carta do quadrimestre de maio a setembro de 1554, dirigida pelo Ir. José de Anchieta a Inácio de Loyola, Roma, grifos meus).

---

<sup>7</sup> Na Apresentação do livro de Moreau, Hansen destaca que civilizado era “europeu, português, branco, macho, fidalgo, católico e letrado” (*apud* MOREAU, 2003, p. 20).

A existência ou não de mantimentos, como se vê, era decisiva para a continuação ou não de uma escola em um dado sítio. Anchieta destacava, no relato seguinte, que os “escolares” de São Vicente foram-se para Piratininga, à procura de um lugar onde existissem gêneros de primeira necessidade. Nota-se, ainda, a referência à “rudeza” dos alunos nativos:

O estudo da gramática se continuou até o mês de Novembro em S. Vicente com o número de estudantes de que em as letras passadas faço menção; mas *foi tanta a esterilidade dos mantimentos* que nem por muito trabalho que em isto se pôde haver provisão bastante de farinha e pão da terra, nem os moradores o tinham para si nem para nós outros, pelo qual foi necessário que nós viéssemos a esta Piratininga, onde é a abundancia maior. Aqui se prossegue o estudo com os nossos que são recebidos para escolares, e com alguns de fora (...); seu proveito em o estudo pouco é, ainda que por outra parte se pôde dizer muito, *considerada com a rudeza dos engenhos brasílicos e criados em o Brasil*, que tanto monta (Carta do Ir. José de Anchieta ao geral Diogo Laínez – Piratininga, março de 1562, grifos meus).

A mudança de endereço da escola, de São Vicente para Piratininga, foi determinada, portanto, pela “esterilidade dos mantimentos”, como ressaltou Anchieta.

## Algumas considerações a respeito dos primeiros jesuítas

Trabalhar com as cartas foi, acima de tudo, um esforço de se compreender e conhecer melhor a prática dos primeiros jesuítas na “terra dos papagaios”: a América portuguesa do século XVI.

Posso dizer, contudo, que esse texto também caminhou na direção de mostrar que a organização interna das casas e o trato com o nativo mudaram substancialmente com o passar dos anos iniciais de experiência, transformações que podem ser acompanhadas – e que são descritas – nas cartas. Se a organização do ensino e o trato com o nativo mudaram, isto se deve ao fato de que o jesuíta mudou. À medida que ensinava, o padre também aprendia e tomava novos caminhos em sua prática. Deixava, por exemplo, a “via amorosa” dos primeiros anos e abraçava a via da experiência. Pode-se considerar, portanto, que as missivas informam, fundamentalmente, sobre os modos de pensar e agir dos “homens de preto” que viveram na “terra dos papagaios” no início da nossa colonização.

---

**Resumo:** Especificar as representações de escola, ensino e aluno a partir das cartas de Manuel da Nóbrega e José de Anchieta é a preocupação primeira deste artigo. Neste sentido, o artigo considera as relações presentes na correspondência e que se deram, fundamentalmente, entre o jesuíta, os colonos, as autoridades e o índio. No entanto, há que ressaltar que este aborígine, ao qual as cartas se referem insistentemente, não tinha voz ativa nesse processo, pelo que estas informam muito mais sobre os modos de pensar e agir dos jesuítas do que sobre o índio. Ou seja, o jesuíta é o agente da educação e é dele a interpretação dos fatos presentes nas cartas. O texto sobre as cartas é apresentado em forma de tópicos de um glossário, a partir dos quais, especificam-se as representações a que o trabalho se propõe e se demonstra que, com o passar dos anos iniciais de experiência, a organização interna das casas e o trato com o nativo mudaram substancialmente. Isso se deve ao fato de que o jesuíta mudou, pois, à medida que ensinava, o padre também aprendia e tomava novos caminhos em sua prática.

**Palavras-chave:** jesuítas; Manuel da Nóbrega; José de Anchieta.

**Abstract:** *Specifying the representations of school, education and students from the letters of Manuel da Nobrega and Jose de Anchieta is the main concern of this article. So, the article considers the relationships present in the correspondence that occurred essentially among the Jesuit, the colonists, the authorities and the Indians. However, it must be emphasized that the native, to which the letters refer insistently, had no voice in this process, so that they tell much more about the manner of thinking and acting of the Jesuits than that one of the Indian. That is, the Jesuit is the agent of education and the interpretation of the facts present in the letters is from them. The text about the letters is presented in the form of topics of a glossary, from those the representations to that this research is proposed are specified and it is demonstrated that, over the initial years of Experience, the internal organization of the homes and the relationship with the native changed substantially. This is due to the fact that the Jesuit changed because, while taught, the priest also learned and took new directions in their practice.*

**Keywords:** Jesuits; Manuel da Nóbrega; José de Anchieta

## Referências

ANCHIETA, José. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões (1554-1594)*. Rio de Janeiro, Biblioteca de Cultura Nacional, 1933. Col. Afrânio Peixoto da Academia Brasileira de Letras.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. *Revista de Antropologia*. São Paulo, Edusp, n. 35, 1992.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990.

DAHER, Andréa. José de Anchieta. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (Orgs.). *Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2002.

EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2000.

HANSEN, João Adolfo. O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil: Nóbrega (1549-1558). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 38, 1995.

\_\_\_\_\_. Manuel da Nóbrega. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (Orgs.). *Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2002a.

LOYOLA, Inácio. *Exercícios espirituais*. 3. ed sobre a primeira de Coimbra, 1726. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro-Editor, 1952.

MOREAU, Filipe Eduardo. *Os índios nas cartas de Nóbrega e Anchieta*. São Paulo, Annablume, 2003.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1978.

NÓBREGA, Manuel. *Cartas do Brasil (1549-1560)*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931.

PÉCORA, Alcir. Cartas à Segunda Escolástica. In: NOVAES, Adauto. *A outra margem do ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.

Recebido em abril de 2010

Aprovado em junho de 2010